

APRESENTAÇÃO

Imbricações da memória: possibilidades

*Cristiano Simon**

O número e a diversidade de trabalhos que compõem este número da revista, sem falar da complexidade com que os temas da memória são aqui tratados, nos fazem refletir sobre o porquê do enorme interesse e prestígio que o tema tem suscitado. Beatriz Sarlo, em sua obra intitulada *Tiempo Presente. Notas sobre el cambio de una cultura*, ao discutir sobre o tempo e a memória preocupa-se com o fato de o tempo ter se tornado fluido a partir das novas tecnologias que afetam a velocidade das imagens e que também permite nos comunicarmos em tempo real.

Esclarece a autora que não se trata apenas da emergência de mais imagens, mas, sim, da velocidade com que as mesmas substituem umas às outras, se refletem e se atropelam e, portanto, tornam o tempo mais fluido. Com base no exposto, produz a seguinte assertiva:

La aceleración que afecta la duración de las imágenes y de las cosas, afecta también la memoria y el recuerdo. Nunca como ahora la memoria fue un tema tan espectacularmente social. Y no se trata sólo de la memoria de crímenes cometidos por las dictaduras, donde el recuerdo social mantiene el deseo de justicia. Se trata también de la recuperación de memorias culturales, la construcción de identidades perdidas o imaginadas, la narración de versiones y lecturas del pasado. El presente, amenazado por el desgaste de la aceleración, se convierte, mientras transcurre, en materia de la memoria. Entre la aceleración del tiempo y la vocación memorialista hay coincidencias. Precisamente la aceleración produce el vacío de pasado que las operaciones de la memoria intentan compensar. El nuevo milenio se abre sobre esta contradicción entre un tiempo acelerado que impide el transcurrir del presente, y una memoria que busca dar solidez a ese presente fulminante que desaparece comiéndose a sí mismo. (SARLO. 2006: 97/98).

As conclusões de Sarlo sobre a amplitude e o alcance do conceito da memória na contemporaneidade, vêm ao encontro das indagações que nos inquietam e de alguns debates sobre a memória.

Podemos considerar que este movimento de valorizar e de construir memórias pressupõe envolvimento com a coletividade e diálogo com as múltiplas e diferentes experiências vividas, e é dentro deste espaço de criação e interação que podemos pensar em novas práticas sociais. No diálogo com a memória é possível trazer à tona, pela rememoração e pelas narrativas, os elementos esquecidos de outras histórias. Para tanto, o diálogo com a memória traz como grande desafio a descoberta de outras maneiras de se atribuir sentido no presente aos fatos e personagens passados que a história oficial não documentou ou que a modernidade tem feito questão de destruir.

Sendo assim, as abordagens da memória aqui apresentadas permitem a construção de constelações as mais diversas que revelam uma multiplicidade de possibilidades neste campo: os sentidos da escrita da história de diferentes instituições, a construção de espaços de memória, a relação da memória coletiva com o patrimônio imaterial, a força de projetos que envolvem a comunidade e a memória cultural da cidade; as potencialidades da fotografia como acesso a representações do passado; a concretude da história e da memória na recuperação de outras narrativas sociais, o instigante diálogo da memória com a literatura, arquivos pessoais, como também a importância da memória para o amplo campo da educação patrimonial.

Podemos, então, pensar a história da cidade como campo de tensões entre mudança e permanência, entre mobilidade e imobilidade, entre diferença e identidade, entre passado e futuro, entre memória e esquecimento e entre poder e resistência. Desta forma, as questões que envolvem memória e o patrimônio histórico cultural se inserem neste movimento que é histórico e permeado pelas relações de poder.

Podemos inferir hoje que a recuperação das memórias sociais implicam um novo trabalho cultural e educacional em que a reconstrução histórica do cotidiano das pessoas comuns pode ser um caminho para se chegar às questões relacionadas aos patrimô-

nios cultural e ambiental porque sua preservação e recuperação permitem entender e explicar as inter-relações existentes entre tradição e progresso (LUCENA, 1991, p.10).

Para Matozzi (2008), os professores deveriam incluir no currículo de história estratégias que possibilitassem o uso destes bens culturais - arquitetônicos, monumentais, museus, arquivos etc. para orientar os alunos na produção de conhecimentos. Para ele, o estudo do patrimônio favorece uma educação histórica na medida em que possibilita a percepção e a visão histórica do território e do mundo, como também a descoberta dos valores simbólicos e afetivos. Matozzi afirma que quando os alunos começam a ter experiências de fruição cognitiva e estética de bens patrimoniais, eles também colocam em ação as habilidades de observação, de análise, de avaliação estética e o entendimento de sua função e de seu valor social (2008, p.135).

Nesta direção, para Manique e Proença (1994) é possível falarmos de uma pedagogia da memória, pois, no ensino de história, as memórias locais favorecem um trabalho com a multiplicidade da duração (tempo longo, médio e curto) e com a pluralidade de culturas. Para estes autores, um estudo que envolva história local e a memória faz frente aos “problemas de desenraizamento, falta de identidade e pluralidade cultural e rática que caracterizam as nossas escolas” (p.25).

Ao abordar as memórias na produção de saberes históricos escolares, Galzerani (2008), na aproximação com Walter Benjamin, reforça a retomada da categoria de memória como meio, como palco de saberes históricos. Para a autora, trata-se de negar a matriz da racionalidade técnica e instrumental e reconhecer que:

[...] nas práticas de educação histórica, professores e alunos produzem saberes no palco das memórias, concebido sempre em movimento. Memórias- meio com a potencialidade de resignificarmos os conceitos de História e de Educação – atuando como brechas, alternativas, no interior das ‘ruas de mão única’, que muitas vezes dominam os cenários da cultura escolar contemporânea (GALZERANI, 2008, p. 233).

Portanto, ao compartilharmos da diversidade temática dos artigos aqui apresentados destacamos também como o conceito de memória aproxima-se das categorias “experiência” e “expectativa” trabalhadas por Kosseleck (2006). Para ele todas as categorias que falam de condições de possibilidade histórica podem ser utilizadas individualmente, mas não são concebíveis sem estar também constituídas por experiência e expectativa por indicarem condição humana universal, ou seja, por remeter a um dado antropológico prévio sem o qual a história não seria possível e, sequer imaginada. Para o mesmo autor:

As condições da possibilidade da história real são ao mesmo tempo, as condições de seu conhecimento. Esperança e recordação, ou mais genericamente, expectativa e experiência – pois a expectativa abarca mais que a esperança e a experiência é mais profunda que a recordação – são constitutivas, ao mesmo tempo, da história e de seu conhecimento, e certamente o fazem mostrando e produzindo a relação interna entre passado e futuro, hoje e amanhã. (Koselleck, 2006, p.308).

Nesta perspectiva, podemos considerar que o trabalho com a memória é a possibilidade de nos colocarmos enquanto sujeitos da experiência. Uma experiência, que como nos fala Larrosa (2002), produz afetos, inscreve marcas, deixa vestígios e, principalmente, promove transformações.

Pela memória, muitos sentidos ligados à existência tanto do indivíduo quanto de comunidades são elaborados, o que reforça no saber da experiência “sua qualidade existencial com a vida singular e concreta de um existente singular e concreto”(LARROSA, 2002, p.27).

Os argumentos e comentários colocados anteriormente sobre a importância dos debates sobre a memória nos dias atuais e o grande número de temáticas e abordagens relacionadas à mesma que são aqui tratadas constituem uma pequena amostra do campo de possibilidades que a leitura dos trabalhos aqui colocados pode sugerir a partir deles mesmos e de suas relações.

Boa leitura!

Nota

* Professor da área de Prática de Ensino do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina.

Referências

GALZERANI, M.C.B. A produção de saberes históricos escolares: o lugar das memórias. In: FERREIRA, Antonio Celso et al (Org.) **O historiador e seu tempo**. São Paulo: EDUNESP, 2008.

KOSSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rev. da trad. César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC- Rio, 2006.

LARROSA BONDÍA. Jorge, Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19, jan fev mar abr 2002.

LUCENA, Célia. **Linguagens da Memória**. São Paulo: FDE. Diretoria de Projetos Especiais. 1991.

MANIQUE, A.P.; PROENÇA, M.C. **Didáctica da História – Patrimônio e História Local**. Lisboa: Texto Editora, 1994.

MATTOZI, Ivo. Currículo de história e educação para o patrimônio. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n.º 47, p. 135-155, jun. 2008.